



## O FOGO DA LIBERDADE:

### A conspiração sufocada de negros livres, cativos fugidos da América portuguesa e indígenas em Santa Cruz de La Sierra (1809)

BRUNO PINHEIRO RODRIGUES<sup>1</sup>

El fuego de la libertad, que de poco tiempo a esta parte ha empezado a abrazar los corazones de los habitantes de la América, parece que empieza a centellear hasta en los rincones más escondidos de los Andes. Acabamos de saber la fatal ruina de españoles que por un acaso se ha evitado en Santa Cruz.

Todos los negros de aquella capital unidos con los indios iban a sorprenderla el veinte del pasado a las tres de la mañana; tenían ánimo de no dejar un habitante blanco y apoderados de la gran sala de armas que allí tienen, defender su libertad hasta el último trance. Un muchacho descubrió la conjuración. Han preso a varios de los principales; muchos se han escapado y venido a esta ciudad con designio de incorporarse en la compañía del Terror, que así se llama la de los negros y mulatos. No sabemos si con esto se aquietará la rebelión general de esta desgraciada raza de hombres (VÁZQUEZ MACHICADO: 1988).

Quando o cura José Antonio Medina, considerado o cérebro e coração dos primeiros atos que reivindicavam a emancipação política no Alto Peru,<sup>2</sup> foi capturado pelas forças monarquistas, uma grande soma de correspondências e livros foi apreendida consigo. Em meio ao vasto material que se encontrava em sua posse, havia uma carta escrita aparentemente por Manuel Victoriano García Lanza, um dos rebeldes encarregados por insuflar a insurreição em outras cidades (MORENO, 2012: 17). Lanza relatava com grande euforia que a centelha lançada em Chuquisaca e La Paz no ano de 1809 finalmente começava a abraçar os “corações” de todos os habitantes das Américas,<sup>3</sup> até mesmo dos rincões mais escondidos,

<sup>1</sup> Doutor em História e Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará. E-mail: brunopr@ufpa.br

<sup>2</sup> O território que atualmente é denominado Bolívia, ao longo da história recebeu outras designações, como Charcas e Alto Peru. No presente capítulo optamos pelo último termo para referência ao período colonial, sobretudo, a partir do século XVIII, pois “Charcas”, como sugere Alberto Crespo Rodas, remete apenas a um grupo autóctone da região, não representando a sua totalidade (RODAS, 1977: 5).

<sup>3</sup> Fazemos aqui referência aos levantes do 25 de maio de Chuquisaca (atual Sucre) e 16 de junho em La Paz, ambos no ano de 1809, que juntos trouxeram à cena pública forças que reivindicavam a independência do Alto Peru. Mais adiante voltaremos ao tema.



como assim era considerada Santa Cruz de la Sierra – pequena cidade do Alto Peru que, em agosto de 1809, fora palco de uma conspiração arquitetada pelos extratos mais modestos, a saber, a população escrava, negros livres e indígenas.<sup>4</sup>

No período, em meio às invasões napoleônicas enfrentadas pela coroa espanhola na Europa e à crise de legitimidade do poder monárquico nas Américas, notícias circulavam por todo o Alto Peru e provocavam diferentes reações. Nesse contexto, forças começavam a se agrupar ou buscar alianças em meio ao cenário que se montava para as turbulentas guerras de independências que iriam assolar o cotidiano dos habitantes americanos até meados da década de 1820. Homens como Medina e Lanza eram a expressão clara desse processo.<sup>5</sup> Assim, chegara a Santa Cruz de la Sierra a falsa notícia de que o rei havia prometido a alforria definitiva aos negros mantidos em cativeiro e a isenção ao pagamento de tributos aos indígenas, mas que autoridades locais haviam omitido.

Indignados e esperançosos, escravos e negros livres – estes últimos em grande parte emigrados dos domínios portugueses -, vislumbraram finalmente aparecer o momento ideal para se darem a liberdade ou a consolidarem. A liberdade só seria uma condição concreta se a tomassem pela força, assim possivelmente conjecturaram os conjurados. Desse modo, aliados com indígenas da região – especialmente os Chiriguanaes, como veremos adiante-, planejaram tomar de assalto Santa Cruz de La Sierra no dia 20 de agosto de 1809, com o ataque a todos os habitantes brancos, principalmente autoridades. Todavia, o plano foi descoberto e violentamente sufocado.

---

<sup>4</sup> Santa Cruz de la Sierra no início do século XIX era a capital de uma das províncias que formavam o território referente à Real Audiência de Charcas, que por sua vez estava vinculada ao Vice-Reino del Rio de la Plata, criado em 1776. Estava localizada no Alto Peru, juntamente com as províncias de Chuquisaca, La Paz, Potosí e Cochabamba, que posteriormente dariam origem à futura República da Bolívia, em 1825. Até este ano, a Província de Santa Cruz estava dividida nas seguintes partes: Moxos, Chiquitos, Cordillera, Vallegrande e Santa Cruz.

<sup>5</sup> A descrição de Humberto Vázquez Machicado, sobre o cura Medina, nos fornece uma dimensão do papel e importância do personagem no período: “(...) El cura Medina fue cerebro y acción en los primeros movimientos de libertad en el Alto Perú. Ideólogo apasionado, estaba empapado de la filosofía de los revolucionarios de Francia y sus enemigos le acusaban de ser lector de «libros prohibidos», y en muchos de sus aspectos tiene puntas y ribetes de jacobinismo, incluso hasta en esas vaguedades y exageraciones de que nos habla Hipólito Taine. Medina fue el autor de la famosa proclama de la Junta Tuitiva de La Paz, que definió por sí sola el credo emancipador de estas colonias, y además del plan de gobierno que debía ponerse en práctica, en la nueva patria y por último Goyeneche lo acusa de ser el autor de cuantas proclamas de sedición se han esparcido por la América.” (VÁZQUEZ MACHICADO: 1988).



Em resumo, o artigo que se segue trata de uma análise pormenorizada não somente da conspiração, mas igualmente da participação ativa de escravos e negros fugidos dos domínios lusitanos nos acontecimentos políticos do período, de modo que em primeiro lugar, apresentaremos uma reflexão das versões documentais que registram o evento; posteriormente, as possíveis relações com os movimentos de independência que irromperam na América espanhola no período e, por fim, o malogro e destino dos conjurados capturados.

### **“El fuego de la libertad”: duas versões para conspiração de 1809**

Os acontecimentos do mês de agosto de 1809 em Santa Cruz de la Sierra seguramente podem ser considerados um dos principais eventos que levaram o Alto Peru às guerras de independências. Duas são as versões sobre os fatos: uma publicada por Ádrian Justiniano no periódico *El Correo del Plata*, em 15 e 16 de agosto de 1899; e a outra encontrada nos autos dos processos instaurados para apurar a rebelião, pelo *Cabildo* de Santa Cruz de la Sierra e *Real Audiência de Charcas*,<sup>6</sup> além de correspondências trocadas entre autoridades. Tais versões, apesar de contrastarem em diversos pontos, são concordantes em duas questões principais: em primeiro lugar, o protagonismo da tentativa de rebelião se deu em decorrência das alianças firmadas entre escravos, negros livres provenientes dos domínios portugueses e indígenas; e, em segundo lugar, o evento evidenciava que cativos e indígenas estavam atentos ao que se passava não somente no Alto Peru, mas na instabilidade vivenciada pela coroa espanhola ante as invasões napoleônicas, que fragilizavam o controle na região.

A primeira versão, publicada 90 anos após o evento, apresenta a conjura planejada para a noite do dia 15 de agosto, durante a realização da festa de “Nuestra Señora de

---

<sup>6</sup> As Reais Audiências foram instituições de grande importância na América Espanhola. Em termos gerais, consistiam no que se considerava “máximo tribunal nas colônias”. Acima dela em importância, havia somente o Conselho das Índias. Tal instituição estava estruturada da seguinte maneira: presidente, ouvidores, um ou dois fiscais e um oficial de justiça que executava ordens do tribunal. De acordo com Malamud, haviam 3 tipos de Audiência na América espanhola: as “pretoriais”, que tinham à frente um presidente que estava diretamente subordinado ao Conselho das Índias; as “vice-reinais”, que eram presididas por um vice-rei; e as “subordinadas”, como a *Real Audiência de Charcas*, dirigidas por um presidente com escassas funções executivas e submissas aos mandos do vice-rei. Quanto aos Cabildos, estes se constituíam em instituições fundamentais para a administração colonial na região. Eram originários do antigo conselho castelhano e acompanhavam a fundação de novos núcleos urbanos, estruturados por um ou dois alcaides ordinários e regidores (de 4 a 12, a depender do espaço administrado). Considerados a “melhor ferramenta” administrativa das cidades e para o apoio das reivindicações frente ao monarca, possuía numerosas atribuições: concessão de terras, eleição, deposição de autoridades, recrutamento de forças militares e administração da justiça em nome do rei (MALAMUD, 2009: 155-156).



Asunción”, a padroeira da cidade. Atentos e comovidos pelos “ecos da liberdade” que ressoavam por todo o Alto Peru desde os acontecimentos de 25 de maio em Chuquisaca e 16 de Junho em La Paz e indignados com a imposição de impostos, os escravos e negros livres da cidade resolvem tramar uma “formidável conspiração” a fim de se vingarem e “alforriarem-se a si próprios” (JUSTINIANO, 1899: 3).

O plano era surpreender aqueles que se encontravam na festa e matá-los, com exceção das mulheres. A desvantagem das armas de fogo no confronto seria compensada pela superioridade numérica, contabilizada por Justiniano como cerca de 800 indivíduos. A festa, desde o final do século XVIII, era a mais popular da cidade e reunia as principais autoridades de Santa Cruz. Passara a fazer parte do calendário, segundo Justiniano, desde o final do século XVIII, quando o subdelegado da cidade, Antonio Seoane de los Santos, encomendara a imagem da “Virgem de Assunção” de Nápoles. Durante a pomposa cerimônia de entrega, sucederam estranhos fatos que acabaram interpretados como milagres. Em palavras do autor:

Noticioso de la próxima llegada de la imagen, D. Antonio, invitó al vecindario para ir procesionalmente al encuentro de aquélla. Por su puesto, no tuvo que rogar para que todo el mundo se apresurase a satisfacer tan plausible deseo, con tanta más razón cuanto que, desde in illo tempore, somos esencialmente decididos por las procesiones.

¡Al Pari todo fiel cristiano!

Nunca se había visto tanta gente por esas calles de Dios, ni jamás se había escuchado vocerío igual en la de ordinario pacífica y tranquila ciudad de Santa Cruz de la Sierra, ó más propia é históricamente llamada San Lorenzo de la Frontera (...) (JUSTINIANO, 1899: 1).

Não obstante, com todo o povoado reunido, a mula que carregava a imagem, assustada ou participando da alegria geral, inesperadamente se agitou e desapareceu em carreira para a decepção de todos os presentes, que julgaram destruída a imagem carregada. No entanto, quando retornaram à cidade na profunda tristeza, a surpresa:

(...)Cabizbajos y silenciosos, muchos vecinos acompañaban á su casa al Sr. Seoane; llegan y.....!Si! parece mentira, allí estaba la mula, quietecita delante de la puerta de calle, mosqueándose filosóficamente como si tal cosa, y con su carga intacta.

¡Aquello, si, fue motivo para una verdadera conmoción popular! (JUSTINIANO, 1899: 1).



Desde então, passou-se a realizar a festa do “velório de Nuestra Señora de Asunción” na casa do Subdelegado, com grande esplendor e pompa, missa solene cantada na Catedral da cidade e procissão até a casa de Seoane. Quanto a santa, esta foi eleita padroeira da cidade.

A noite que presenciou a conspiração de negros livres, escravos e indígenas, no dia 15 de agosto de 1809, de acordo com a narrativa de Justiniano, vivenciava mais um suntuoso “velório” à santa, com toda a alta sociedade *cruceña* presente, que ocupava os salões da residência elegantemente vestida e esbaldava-se em doces, biscoitos e fartas jarras de chocolate, ao passo que na parte externa da casa de Seoane, na praça, a população se aglomerava recreando-se com a audição da orquestra que tocava no interior. Seguindo a tradição, o recinto montado para a festa era comparável a uma mansão “celestial”, de acordo com o autor:

(...)La selecta y numerosísima concurrencia al velorio, ajena á lo que en contra ella se fraguaba, departía en los amplios salones iluminados con profusión, en el principal, se alzaba lujoso altar de la Virgen, que radiante en luz parecía elevarse al cielo remontándose sobre vaporosas nubes artísticas formadas con riquísimas telas de blancura inmaculada. Y el coro de ángeles que le entonaba himnos de alabanza, lo constituían preciosas niñas que congregadas alrededor de María transformaban el recinto en verdadera mansión celestial (JUSTINIANO, 1899: 3).

Contudo, na parte externa, entre a população que se encontrava na praça, havia um considerável grupo de negros escravos e livres, que aguardavam um sinal para adentrar o recinto: “(...) Afuera la tormenta rugía sordamente, y la plaza iba llenándose de multitud de individuos de aspecto siniestro y sombrío, como el oscuro color de sus torvos semblantes.” (JUSTINIANO, 1899, p. 4). A senha para entrada seria dada por Julico, um violinista que animava a festa, que tocava uma sequência de notas já conhecida pelos insurgentes. Julito, de acordo com Justiniano, era a grande *liderança* do levante.

Até então, tudo indica que a noite seguia de acordo com o planejado, quando entra em cena Juan José Duran, que trazia consigo uma carta escrita por Don Juan M. Rojas delatando o movimento. Don Juan havia sido informado momentos antes por uma escrava, que, por seu turno, argumentava ter se informado por seu marido acerca da conspiração. Discreto e frio, o subdelegado, após ler a carta, emitiu ordens para apreensão de alguns mulatos, dispersão de outros e regressou “serenamente” ao salão da festa, sem que os presentes se dessem conta do perigo iminente. Julico, ao perceber o malogro, abandonou o velório. Na praça, com as saídas cercadas por guardas, alguns conjurados foram presos, outros fugiram aos bosques; e assim



foi sufocada a rebelião, na narrativa de Justiniano. Após alguns dias, Julico foi capturado nas matas. Levado para a cidade, teve a sua cabeça decepada e cravada numa madeira pontiaguda no caminho que conduzia à Cotoca, povoado vizinho onde se descobriu o plano. A sua punição deveria servir de exemplo para todos aqueles que ambicionassem a liberdade.

A segunda versão para os eventos do agosto de 1809, por outro lado, apresenta-se mais “moderada” e recatada, todavia, não menos impressionante. Começa por contrastar já na data planejada para o levante: 20 de agosto. De acordo com Humberto Vázquez Machicado, que consultou os documentos dispostos no Archivo General de la Nación, de Buenos Aires, dias antes foi realizada uma investigação e o plano do levante foi anunciado no 18 de agosto. Assim como a versão narrada por Ádrian Justiniano, o objetivo era passar a “degüello toda persona de cara blanca” (VÁZQUEZ MACHICADO: 1988). Entretanto, para assim o executarem, planejavam tomar pontos estratégicos da cidade, a fim de se munirem com armamento, a saber: o “Armazém da Pólvora” (na sala das armas), a Administração dos Tabacos e Casa Real (MORENO, 2012: 14).

Descoberta a conjura através da delação, foram ordenadas as prisões das lideranças, que se encontravam a meia légua da cidade. A notícia das prisões se espalhou rapidamente e assim vários conjurados conseguiram se evadir. Diferentemente da narrativa de Justiniano, o inquérito instaurado pelo Cabildo de Santa Cruz para apurar os fatos apontou duas principais lideranças e a não-menção do músico Julico:

(...) y activas diligencias de o copio de gente , y armamento, há resultado y de la sumaria que um mulato esclavo de Don Josef Salvatierra, llamado Franco, era el jefe y comandante desta sedicion asociado a el *negro Anselmo, capitão de los negros libres portugueses*, y que recolhidos negros, mulatos e (sic) en casa de lo Anselmo destas en media legua de esta ciudad dabun el asalto contra esta Republica el dia hoy, del gobernante Reniel ta igualmente que la determinacion era degolar toda persona de cara branca, después deles jueves y los niños [grifo nosso] (Doc. 1).

Franco era o líder dos escravos e Anselmo o capitão dos “negros livres”, provenientes de Portugal.<sup>7</sup> Consta no inquérito que o capitão haveria ordenado aos seus companheiros que produzissem flechas, que juntamente com armas de fogo dariam os primeiros passos da rebelião. Com a delação e realização de prisões, Anselmo, Franco e outros cativos conseguiram fugir. Contudo, não tiveram a mesma sorte outros 11 conspiradores,

---

<sup>7</sup> Leia-se aqui como provenientes da América portuguesa, principalmente da Capitania de Mato Grosso, que guardava fronteira com o Alto Peru (atual Bolívia).



considerados lideranças. Além destes, as autoridades *cruceñas* relatavam nos autos do processo que estavam aliados aos conspiradores alguns indígenas das missões próximas à Santa Cruz de la Sierra.

Assim, após o sufocamento da rebelião, realizaram interrogatórios com os 11 conjurados aprisionados durante um mês inteiro, além de tentativas de captura dos demais que haviam fugido. O inquérito, de maneira geral, foi concluído no dia 27 de agosto e enviado à Intendência de Santa Cruz (em Cochabamba), para que se enviasse posteriormente à Real Audiência de Charcas, que estava localizada em Chuquisaca. Uma das primeiras constatações era quanto à procedência dos negros livres “conjurados”, oriundos de Portugal:

(...) Por estos fundados deseos y para que los mulatos negros que han *transmigado a este Reyno desde Portugal* y reciden en nesta ciudad, con el abrigo descontinuy desordenes, y los *esclavos prófugos*, con otras criminalidades próprias por sus *Genios orgulhoso* y que son unos *hombres llenos de los vícios y sin subordinacion alguna*, hemeditado proceder a *limpiar a esta Republica de semejante Polilla* (...) [grifos nossos] (Doc. 1, fl.4).

Reconhecidos como “escravos prófugos”, de gênio orgulhoso e sem “subordinação alguma”, tais negros livres, após atentarem contra a monarquia espanhola, passavam a representar grandes incômodos. O autor do inquérito clamava por limpeza, comparando os conspiradores a traças.<sup>8</sup> Essa “higienização”, de fato, é o que poderá se observar ao longo dos interrogatórios.

## **Das relações com o incipiente movimento de independência no Alto Peru**

O inquérito realizado pelo Cabildo de Santa Cruz concluiu a existência da relação entre os conjurados com os movimentos de Independências cujas notícias chegavam dos grandes centros urbanos do Alto Peru. Alegava-se que os escravos e negros livres haviam arquitetado tal plano após se informarem de uma suposta “cédula real” que os alforriava e havia sido omitida pelas autoridades da cidade. A mesma cédula igualmente isentava aos indígenas do pagamento de tributos, que lhes era imposto desde 1787.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Traças são larvas oriundas de mariposas noturnas (polillas), que podem corroer lã e outros tecidos, além de pele, de acordo com o dicionário Michaelis.

<sup>9</sup> Em 1787, em função das chamadas “reformas borbônicas”, que impuseram mudanças na política tributária, uma vez que coroa espanhola necessitava de recursos para executar a pretendida modernização e manter constantes guerras com a França e Inglaterra, estabeleceu-se obrigação de pagamento de tributos entre indígenas,



A notícia, apesar de ser falsa, fazia parte da estratégia revolucionária para desestabilizar o domínio espanhol no Alto Peru. De acordo com Vázquez Machicado, detinha clara origem “doctoral”, ou seja, provinha do “Grêmio doctoral”, formado por advogados de Chuquisaca que defendiam a independência do Alto Peru e estiveram à frente dos levantes de 25 de maio de 1809 na cidade. Em palavras do autor:

(...) Estos astutos togados querían producir la mayor cantidad posible de levantamiento, por más temerarios y criminales que fueran en sus consecuencias. Lo urgente era producir el caos y la desorganización en la colonia, para de tal caos y de tal desorganización sacar provecho la «patria» en la cual soñaban (VÁZQUEZ MACHICADO: 1988).

De acordo com o autor, não se sabe quem levou a falsa notícia ou se cativos de Santa Cruz de la Sierra mantinham contatos com os principais centros urbanos. O mais provável é que pudessem ter feito interpretações errôneas das conversas que escutavam nas casas senhoriais:

(...) através de sus comentarios y disquisiciones acerca de la caducidad del poder real y de la independencia de las colonias, deben haberse deslizado conceptos como los de «libertad», y alguna que otra queja sobre los «tributos», y tales frases fueron escuchadas al vuelo por los negros y así interpretaron a su modo tales noticias que en esa rara forma llegaban a sus oídos (VÁZQUEZ MACHICADO: 1988).

De qualquer maneira, a organização da conspiração pela aliança entre cativos, negros livres e indígenas estava completamente inserida nos acontecimentos políticos que se passavam no Alto Peru, conectados com alterações de ordens mais gerais.

A região, em si, vivenciava um período turbulento desde 25 de maio em Chuquisaca, sede da Real Audiência de Charcas e Universidade de San Francisco Xavier, um dos principais centros urbanos do mundo castelhano nas Américas e maiores reservatórios de prata do mundo, proveniente de Potosí. Naquela tarde, após a detenção de Jaime Zudañez, ordenada pelo presidente da Real Audiência, Don Ramón García de León y Pizarro, a população saiu às ruas, rumou à casa presidencial e enfrentou as tropas militares da cidade. Estanislao Just Lleo descreve as minúcias do evento:

(...) Al atardecer del jueves 25 de mayo de 1809, el pueblo de la Plata, la capital del distrito de la Audiencia de Charcas, era presa de una conmoción. A los gritos de *viva el Rey, traición, o mueran los traidores*, una inmensa cantidad de gente se agolpó en la Plaza Mayor, frente al palácio presidencial.

---

da qual estavam apenas dispensados excepcionalmente aqueles que se encontravam em condição de fronteira militar na defesa do Império (PENÁ HASBUN: 2014).



Allí, entre los ruidos de los tiros, gritos y sonos de campanas, se llevó a cabo la revolución. Cuando la asonada pareció decrecer, a las primeras horas de la madrugada del día siguiente. Chuquisaca presentaba otro aspecto. El presidente García Pizarro había entregado el mando en la Audiencia, el arzobispo Moxó había huido por miedo a las turbas, y un nuevo ejército, formado por las gentes del pueblo, estaba en vías de formación, a título de defensa de los derechos del rey y de la Patria [grifo nosso] (JUST LLEO, 2007: 6).

Apesar de não ser claramente um movimento independentista, uma vez que o evento era formado por várias forças políticas, somaram-se a ele partidos que almejavam a independência. É preciso ressaltar que desde 1808 a Espanha havia sido ocupada por forças napoleônicas. Com o rei deposto, José Bonaparte assumiu o trono. Todavia, não se reconhecia a legitimidade do novo rei. Criaram-se então Juntas nas mais diferentes cidades do Império espanhol que reafirmavam a fidelidade a Fernando VII, o rei deposto. De acordo com Maria Luisa Soux, no Alto Peru, ao passo que as informações chegavam da metrópole, que davam conta das invasões napoleônicas e abdicação, diferentes corpos, vizinhos, autoridades se apuravam para prestar juramento de fidelidade a Fernando VII, reafirmando-se assim o chamado “pacto monárquico” (SOUX: 2009).

Segundo Soux, havia uma situação de “vazio de poder” e cataclismo, em que se cruzavam diferentes teses: se, por um lado, as “Juntas” reafirmavam a soberania monárquica e domínio colonial, por outro lado, haviam aqueles que reivindicavam maior autonomia. Analogamente, em meio à crise, surgira uma terceira proposta: conferir legitimidade à princesa Carlota Joaquina, única irmã do rei, Bourbon, que se encontrava em liberdade, no Brasil. Em torno dessas teses, é possível entender o significado do 25 de maio em Chuquisaca e os gritos de “traidor”: existia rumores de que o presidente Pizarro houvesse concordado com as pretensões de Carlota Joaquina, embora em carta negasse com veemência as suas pretensões e reafirmasse a lealdade ao rei Fernando VII.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Em dezembro de 1808 chegou a La Plata uma infantaria enviada por Carlota Joaquina, com a proposta de reconhecimento legal da sua regência. Pizarro foi claro na sua lealdade ao rei espanhol Fernando VII: (...)ni el Terror, ni la Sorpresa, ni el aspecto de la muerte misma, son capaces de inmutar, o hacer vacilar, ni por un instante, nuestra característica fortaleza dispuesta a llenar em todas ocasiones los deberes de vasallaje. Yo por mi parte aseguro a V. A. R. que soy Español, soy noble, soy Jefe de una Provincia, soy General, y por todos estos multiplicados Títulos, me reconozco con otros tantos motivos de hacer toda clase de sacrificios en defensa de los derechos de nuestro Soberano el Señor Don Fernando Séptimo de toda la Familia Real y de la Patria enormemente atropellada, por el ambicioso Emperador de los Franceses. Esta es mi resolución: esta es la de la Provincia que gobierno: esta es la de toda la Nación Española, y esta es la que llenará de satisfacción el grande y Real animo de V.A (...)” (SOUX, 2009: 13).



A mesma complexidade poderia ser verificada em 16 de junho de 1809, em La Paz. Aproveitando-se da realização da festa da Virgem del Carmen, em defesa ao rei e contra autoridades locais, insurgentes realizaram um “cabildo aberto”, aprisionaram o governador intendente e o bispo da cidade. Após o levante, foi publicado um documento intitulado “Proclama de la Junta Tuitiva”. O mesmo aparecerá em diferentes versões, expressando o conflito entre forças monarquistas e autonomistas no interior dos movimentos. Segundo Soux, apesar de serem escritos comprovadamente em 1809, contrastam radicalmente no conteúdo.<sup>11</sup> Na primeira versão, observamos uma declaração de fidelidade ao rei deposto:

Ya es tiempo pues de elevar hasta los pies del trono del mejor de los monarcas, el desgraciado Fernando VII, nuestros clamores, y poner a la vista del mundo entero, los desgraciados procedimientos de unas autoridades libertinas.

Ya es tiempo de organizar un nuevo sistema de gobierno fundado en los intereses del rey, de la patria y de la religión, altamente deprimidos por la bastarda política de Madrid (SOUX, 2009: 17).

A segunda versão da “Proclama”, por sua vez, demonstra uma visão de autonomia e independência:

Ya es tiempo pues de sacudir yugo tan funesto a nuestra felicidad como favorable al orgullo nacional del español.

Ya es tiempo de organizar un nuevo sistema de gobierno fundado en los intereses de nuestra patria, altamente deprimida por la política bastarda de Madrid. Ya es tiempo, en fin, de levantar el estandarte de la libertad en estas desgraciadas colônias adquiridas sin el menor título y conservadas con la mayor injusticia y tiranía (SOUX, 2009: 17).

Em outras palavras, podemos observar um confronto entre aqueles favoráveis a Fernando VII e aqueles que reivindicavam maior autonomia. Eram movimentos similares que se propalavam pelo Alto Peru. Humberto Vázquez Machicado, por exemplo, afirma que após o 25 de maio em Chuquisaca, foi enviado um emissário para La Paz, o doutor Mariano Michel, a fim de preparar e ativar a sublevação. Este chegou em La Paz no dia 8 de junho e,

---

<sup>11</sup> As versões da “Proclama” foram publicadas em temporalidades diferentes. A primeira se deu em 1909, publicada por Manuel María Pinto. A segunda se encontra alocada no Archivo General de la Nación. Por fim, a terceira e última versão, se encontra na seção de manuscritos da Biblioteca Central da Universidad Mayor de San Andrés. Vale ressaltar que a análise das diferentes versões também foi realizada pelo historiador José Luís Roca, que observa não a busca por independência em ambos os eventos – 25 de maio e 16 de junho -, mas por maior autonomia (ROCA: 1998).



segundo as memórias do espanhol Tomás Cotera, não havia cessado de participar de reuniões e instruir os passos da insurreição (VÁZQUEZ MACHICADO: 1988).

De todo modo, ao retornarmos às motivações que estimularam a tentativa de rebelião em Santa Cruz de la Sierra, não é de se surpreender que os insurgentes cativos pudessem vislumbrar a ideia de uma possível “alforria”. Andrews, ao analisar os diferentes processos de guerras de independência na América espanhola, menciona numerosas situações em que cativos não somente estavam atentos aos acontecimentos políticos do continente, mas negociavam com os dois lados do conflito a fim de garantirem as melhores possibilidades para liberdade.<sup>12</sup> Conscientes da importância militar que detinham ao longo das guerras, poderiam ser decisivos para a vitória de um lado ou outro com a oferta de apoio.

Como as guerras de independência se prolongaram mais do que o esperado, ambos os lados do conflito foram obrigados a recorrer aos contingentes de cativos. Andrews dá uma dimensão da importância da participação cativa na América espanhola, de maneira geral:

(...) Os governos rebeldes da Argentina e da Venezuela começaram a recrutar escravos em 1813; um ano mais tarde, o Chile os seguiu. A Espanha a princípio não recorreu ao recrutamento, mas ofereceu liberdade àqueles escravos que se oferecessem como voluntários para servir no exército (ANDREWS, 2007: 91).

Embora não houvessem propostas claras quanto à emancipação, o irromper das guerras de independência e instabilidade ofereciam aos cativos três vantagens, que foram largamente aproveitadas: em primeiro lugar, a redução de controle, que propiciou o aumento das possibilidades de fuga; em segundo lugar, a possibilidade dos escravos do sexo masculino obterem liberdade via-alistamento militar; por último, após a participação nas guerras, a aprovação da emancipação gradual por toda a América (ANDREWS, 2007: 88). Com o poder de “barganha” elevado, em função dessa instabilidade, a participação escrava nos conflitos alterou significativamente a viabilidade da escravidão colonial.

De todo modo, tanto no caso dos conspiradores de Santa Cruz terem interpretado erroneamente as notícias que circulavam pela América espanhola, como aventa Vázquez Machicado, ou como no de que pudessem ter sido manipulados por notícias falsas enviadas de

---

<sup>12</sup> George Reid Andrews constata que enquanto alguns se uniam aos exércitos rebeldes sob a promessa de liberdade, outros se uniam aos senhores para evitar o recrutamento. Ao longo das guerras, por exemplo, Simon Bolívar decretou recrutamento de cativos na Colômbia, Venezuela e Peru, que não foi recebido de maneira agradável entre senhores, em vista da alta possibilidade de morte e futuras alforrias (ANDREWS, 2007: 92).



Chuquisaca ou La Paz, cativos que se encontravam na cidade estavam dispostos a lutar por essa liberdade. No caso dos negros libertos, provenientes dos domínios portugueses, possivelmente compreendiam que aquele poderia ser o momento de assegurar a condição livre, inconstante e incerta, uma vez que frequentemente as autoridades do Mato Grosso e Cuiabá requeriam a captura e devolução para o outro lado da fronteira.<sup>13</sup> Ou mesmo, podemos aventar que a aliança entre negros livres e escravos pudesse representar de alguma maneira um gesto solidário ou vingança contra o homem branco. Acerca dessa última hipótese, lembramos que, no inquérito realizado pelo Cabildo de Santa Cruz, a proposta principal do levante seria degolar todos aqueles de “cara branca”, indistintamente.

O sufocar da insurreição aparece em ambas versões, no texto de Ádrian Justiniano e nos documentos relacionados ao inquérito que apurou os fatos. Contudo, o primeiro se restringiu a mencionar a punição de Julico, considerado a liderança da conspiração, ao passo que na segunda versão constava a prisão de 11 cativos. Nesta última, após a apuração dos fatos e interrogatórios capitaneados pelo Cabildo de Santa Cruz, os prisioneiros foram enviados à Real Audiência de Charcas.

Infelizmente, não localizamos dados acerca de Ádrian Justiniano, a fim de termos melhor clareza sobre a sua base documental. Todavia, quando a comparamos com as outras fontes – inquérito e correspondências diversas –, parece-nos que a imprecisão em alguns pontos ou exagero em outros possa ser proveniente da memória coletiva do evento, que ainda permeava a população *cruceña* mesmo após 90 anos do ocorrido. Sobre essa hipótese, vale frisar: muito mais “cativante”, dotada com tons diversos de cores, embora o final tenha sido dramático como na outra versão, com o malogro e punição violenta das lideranças. Ao vislumbrarmos a descrição e participação de Julico, apontado como a grande liderança do movimento, é possível imaginá-lo entoando a melodia que daria início à insurreição, caso não fosse traída.

\*\*\*

Tanto em uma versão como em outra, a tentativa fracassou pela delação de pessoas próximas aos conspiradores. Por um detalhe de dias, caso o plano fosse bem-sucedido,

---

<sup>13</sup> Ver tese de Bruno Rodrigues (2015), que trata das relações entre as coroas espanhola e portuguesa em torno da devolução de cativos fugidos, especialmente o capítulo 4.



estariamos diante de um evento com grandes semelhanças à exitosa Revolução haitiana; revolução que, entre 1791 e 1804, levou o Haiti da condição de colônia a um território independente, governado por negros, tendo levado a morte ou ao exílio forçado a população branca escravocrata e colonizadora.<sup>14</sup> A carta escrita e publicada em 1º de janeiro de 1804, pelo general Dessalines, proclamado governador-geral da Ilha, revela um provável sentimento análogo ao sentido pelos conjurados de 1809:

Não fora suficiente expulsar de vosso país os bárbaros que ensangüentavam esta terra por dois séculos; não fora suficiente ter restringido as facções sempre recorrentes que estavam brincando de afastar a sombra da liberdade que a França expôs aos vossos olhos; é necessário, por último ato de autoridade nacional, assegurar perpetuamente o império da liberdade no país que nos viu nascer; é necessário constranger o governo inumano que leva há tempos o torpor mais humilhante aos nossos espíritos, todos esperam nos subjugar novamente; é preciso, enfim, viver independente ou morrer.<sup>15</sup>

Pelas lacunas documentais, não sabemos se os conspiradores do agosto de 1809 estavam ou não inspirados na independência haitiana, se carregavam consigo o sentimento de *viver independente ou morrer*, proclamado pelo haitiano Dessalines. Contudo, a história de luta para se verem livres da escravidão ainda teria continuidade, com as prisões e futuros julgamentos.<sup>16</sup>

## Referências Bibliográficas

### Fonte Primária

Doc. 1 - ABNB, EC1809-8, “Sobre los sucesos de Santa Cruz”, 1809.

### Fontes publicadas

JUSTINIANO, Adrian. *Uma Conjuracion de mulatos*. In: El Correo del Plata, Ano I, N.2015, 15 de agosto de 1899.

VIEDMA, Francisco de. *Descripcion Geografica y estadística de la Provincia de Santa Cruz de la Sierra*. 1ª ed. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

<sup>14</sup> As semelhanças dos episódios de Santa Cruz de la Sierra e a Independência haitiana são notáveis, a começar pela proposta de ataques a população branca e da auto-alforria por meio do levante. Acerca da Independência haitiana, existe uma extensa bibliografia. Ver Cordova-Bello (1967), Luis R. Mott (1982) e Cyril Lionel Robert James (1938).

<sup>15</sup> A declaração de independência encontra-se disponível no <<http://www.nationalarchives.gov.uk/dol/images/examples/haiti/0003.pdf>>. Acesso no dia 7 de janeiro de 2015.

<sup>16</sup> Sobre a participação de negros escravos e liberdades em levantes pela América latina durante o período de escravidão, especialmente, no Vice-Reino do Peru, ver capítulo 6 da tese de Rodrigues (2015).



### **Livros, artigos, teses e textos disponíveis em sítios eletrônicos**

ANDREWS, George Reid. *América Afro-Latina, 1800-2000*. Tradução de Magna Lopes. São Carlos: EdUFSCAR, 2007.

CORDOVA-BELLO, Eleazar. *La independência de Haiti y su influencia en Hispanoamérica*. Caracas: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1967.

CUÉLLAR CHÁVEZ, Bismark. *La rebelión de los negros y mulatos em Santa Cruz de La Sierra, 15 de agosto de 1809*. Santa Cruz: Bismark A. História, turismo & cultura, 2009.

GUARDIA, Nino Gandarilla. *Desenredando La Independencia de Santa Cruz y SUS Provincias (1809-1831)*. Santa Cruz de La Sierra: Centro de Estudios Nacionales, 2008.

JAMES, Cyril Lionel Robert. *The Black jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York: the Dial Press, 1938.

JUST LLEO, Estanislao. *La revolución del 25 de mayo de 1809 en Chiquisaca*. Sucre: Universidad San Francisco Xavier, junio-julio de 2007.

MALAMUD, Carlos. *Historia de America*. Madrid: Alianza Editorial, 2005, pp. 155-156.

MOTT, Luis R. B. “*A revolução dos negros do Haiti e o Brasil*”, in *Questões & Debates*, ano 3, n.4 (junho de 1982), pp. 55-63.

MORENO, Alcides Parejas. *Los movimientos independentistas en la gobernación de Santa Cruz de la Sierra*. In: SANTA CRUZ e sus 200 años de Independencia: historia, procesos y desafíos. Santa Cruz de la Sierra: Jatupeando; Investigacruz, 2012.

PEÑA HASBÚN, Paula. *La guerra de Independencia en Santa Cruz*, 2014.

ROCA, José Luis. 1809. *La Revolución de la Audiencia de Charcas en Chuquisaca y en La Paz*. La Paz: Ed. Plural, 1998.

RODAS, Alberto Crespo. *Esclavos negros em Bolivia*. La Paz: Academia Nacional de Ciencias de Bolivia, 1977.

RODRIGUES, Bruno Pinheiro. “*Homens de Ferro, Mulheres de Pedra*”: resistências e readaptações identitárias de africanos escravizados. *Do hinterland de Benguela aos vales dos rios Paraguai-Guaporé e América espanhola – fugas, quilombos e conspirações urbanas (1720-1809)*. Universidade Federal de Mato Grosso – Programa de Pós-Graduação em História, 2015 (tese de doutorado).

SOUX, Maria Luisa. *El tema de la soberanía en el discurso de los movimientos juntistas de La Plata y La Paz en 1809*. In: *Revista Número 22-23*, Agosto de 2009 (Universidad Católica



Boliviana). Disponível em <<http://www.revistasbolivianas.org.bo/pdf/rcc/n22-23/v10n23a01.pdf>>. Acessado no dia 5 de janeiro de 2015.

VÁZQUEZ MACHICADO, Humberto. *La efervescência Libertaria en el Alto Perú de 1809 y la Insurrección de Esclavos en Santa Cruz de La Sierra* [1988]. Disponível em <<http://www.soysantacruz.com.bo/Generales/GenWeb-HistoriaHnosVM/Htm/H-06.htm>>. Acessado no dia 24 dez. 2014.